



Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional
Sub-eixo: Fundamentos históricos e teórico-metodológicos

SINCRETISMO DO SERVIÇO SOCIAL E INTENÇÃO DE RUPTURA

LÚCIA SOARES¹

Resumo: Com base nas considerações de José Paulo Netto sobre a estrutura sincrética do Serviço Social apresentadas em sua obra *Capitalismo Monopolista e Serviço Social*, a reflexão trata do enfrentamento do conservadorismo e dos sincretismos ideológico e científico, incluso o decorrente ecletismo, que a vertente da Intenção de Ruptura da renovação profissional brasileira não concluiu, apesar de ter cravado com robustez uma representação teórico-crítica alternativa a uma visão endógena e tradicionalista da profissão por meio da construção do projeto ético-político.

Palavras-chave: Sincretismo; Serviço Social; Intenção de Ruptura; Projeto ético-político.

Abstract: Based on the José Paulo Netto considerations about the syncretic structure of Social Service presented in his work untitled *Monopolist Capitalism and Social Service*, the reflection deal with the fight against conservatism and ideological and scientific syncretism, included its consequent eclecticism, that the Intension of Rupture strand of the Brazilian professional renovation did not concluded, despite having firmed an alternative theoretic-critical representation opposite to an endogenous and traditionalist view about the profession, through the construction of the ethic-political project.

Keywords: Syncretism; Social Service; Rupture Intension; Ethic-Political Project.

I. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende demonstrar a atualidade da tese do sincretismo de José Paulo Netto, exposta em sua obra *Capitalismo Monopolista e Serviço Social*, para uma visão ainda mais profunda da trajetória da profissão no Brasil, dos dilemas por ela enfrentados na sua instrumentalidade e, sobretudo, da influência concreta do processo histórico sobre sua cultura profissional.

A partir de uma exposição, fundamentada no referido autor, sobre os meandros do sincretismo da prática - que sob o capitalismo contemporâneo ganham contornos acirrados – e de suas derivações ideológica e teórica, a

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: <febc29@uol.com.br>

reflexão problematiza o enfrentamento do conservadorismo e dos sincretismos ideológico e científico, incluso o decorrente ecletismo, que a vertente da Intenção de Ruptura da renovação profissional não concluiu, apesar de seus sólidos frutos na organização política da categoria, no estabelecimento de parâmetros jurídico-profissionais e na produção de conhecimento sob a direção estratégica que capitaneou.

II. DESENVOLVIMENTO

Como é sabido, o Serviço Social emerge para responder a dadas demandas do capitalismo dos monopólios em face de uma resistência operária, quando o Estado assume um papel intervencionista novo na economia e na reprodução social. Tais demandas têm origem na nova dinâmica econômica monopolista – caracterizada por investimento em setores de maior concorrência, aumento de preços, tendência ao subconsumo bem como economia de força de trabalho com inovações tecnológicas –, o que leva à burguesia a “capturar” o Estado, esfera de intervenção extra econômica por excelência, em prol de garantias na acumulação. Neste processo histórico, várias são as funções sistemáticas que lhe são imputadas pela burguesia monopolista em busca da multiplicação de lucros através do controle de mercados. Dentre elas, temos a estruturação de políticas sociais para distinto enfrentamento da “questão social”.

Entretanto, o raciocínio de Netto (2006a) vai mais além. Ele aponta que, convocado para intervir na “difusa” “questão social”, o profissional de Serviço Social se vê diante de várias e heterogêneas situações do cotidiano que conjugam aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais etc. Estes aspectos que se referem à totalidade da vida social só podem ser separados a partir de procedimentos burocrático-administrativos deliberados pelas instituições e expressos em seus fluxos de funcionamento.

Assim sendo, para Netto, o desempenho aguardado do assistente social pela ordem vigente é a de “manipulação de variáveis empíricas de um contexto determinado”, ou seja, de interferência em circunstâncias de vida de sujeitos e

grupos com objetivo expresso de alteração das mesmas sem qualquer conotação negativa precípua no uso do termo ‘manipulação’, como ressalta o autor. No lastro de tal expectativa, o conhecimento necessário para este profissional deve apresentar-se o mais instrumental possível, exigência apropriada para que compreendamos o apelo do empirismo e do pragmatismo sem mencionar a banalização do ecletismo teórico até os dias atuais no arcabouço cultural da categoria.

Todo este contexto macroscópico impede o discernimento de uma especificidade profissional para o assistente social, como demonstra a tese do sincretismo defendida por Netto. A tese do autor é de que o sincretismo constitui o fio condutor do desenvolvimento da profissão cujos determinantes históricos são: “*o universo problemático original que se lhe apresentou como eixo de demandas histórico-sociais, o horizonte do seu exercício profissional e a sua modalidade específica de intervenção*” (NETTO,2006a, p.92, grifos nossos).

Em primeiro lugar, o “universo problemático original” diz respeito à “questão social” com sua “multiplicidade quase infindável” de manifestações conexas que desafiam a intervenção do assistente social. Durante a era dos monopólios, fase na qual a tensão entre produção socializada e apropriação privada dos frutos do trabalho atinge seu auge, exponenciam-se evidentemente as expressões da “questão social”. Por esta razão, no raciocínio de Netto, o assistente social, nos limites de seu escopo profissional nas instituições, acaba por remeter as demandas de toda a ordem que lhe chegam, sem solução nesta sociedade, para outras instâncias, inclusive do próprio Serviço Social, através das triagens e encaminhamentos.

O segundo fundamento do sincretismo da prática do Serviço Social destacado pelo autor é o cotidiano, “horizonte real que baliza a intervenção profissional do assistente social” (NETTO, 2006a, p.95). Como, para Netto, a expectativa histórica é que o Serviço Social molde os hábitos dos trabalhadores em favor dos interesses dominantes, mais uma vez o profissional se vê diante de um emaranhado variado de ocorrências sobre as quais deve operar com vistas a acomodar os comportamentos. Ainda conforme o seu pensamento e, na perspectiva do projeto ético-político profissional, é de suma importância que

o assistente social, profissional do qual se espera a “programação” da cotidianidade, teça a análise crítico-dialética desta não apenas para conhecer suas características fundamentais mas, também, porque a reificação, alienação típica engendrada pelo capitalismo, constitui obstáculo poderoso para sua apreensão (NETTO, 1981 e 2012).

Por último, a modalidade específica de intervenção que consiste na “manipulação de variáveis empíricas de um contexto determinado” pelo assistente social é, segundo o autor, o mais determinante dos fundamentos para esclarecer a relação do Serviço Social com o sincretismo. Netto desenvolve que a ação profissional só é valorizada quando condutas e situações individuais e grupais são modificadas e, por isso, não à toa, a ideia de tratamento vingou tão marcante no passado profissional. Neste sentido, são duas as implicações desta modalidade interventiva para a profissão: o apelo do empirismo e pragmatismo inspirados na teoria positivista – dada a necessidade do conhecimento do social ser o mais instrumentalizável possível – e o ecletismo teórico a serviço da prática manipuladora de contextos de vida, “instância decisiva da intervenção profissional”.

Ou seja, o sincretismo da prática diz respeito à inespecificidade ou indiferenciação operatória do Serviço Social, caracterizada pela manipulação dos cotidianos dos usuários dos serviços prestados, cuja expressão mais completa é a polivalência. O que Netto constata é que, apesar de a profissão de Serviço Social se distinguir das suas protoformas em quatro níveis – a saber: procura do pensamento das Ciências Sociais para inspiração do discurso; dedicação ao erguimento de uma formação profissional integrada; empenho para produção de uma documentação própria; e, finalmente, vinculação progressiva da atuação a instituições privadas e públicas –, ela pouco se distinguiu das práticas filantrópicas no que tange aos resultados da intervenção.

Netto sinaliza que somente podemos decifrar tal paradoxo examinando o trato conferido aos fenômenos sociais no capitalismo maduro, assim como o desempenho do Estado no enfrentamento da “questão social”. Em relação ao primeiro ponto, o autor frisa que é peculiar da sociedade burguesa, conforme sua base fetichista mercantil, instaurar uma pseudo-objetividade que fere

gravemente a razão teórica². Quanto ao segundo, é sabido que o Estado não pode ter como objetivo a resolução da “questão social” através das políticas sociais e de outros meios, tendo em conta sua natureza de classe. Neste sentido, segundo Netto, o desempenho estatal “tende a conformar uma cronificação das refrações da ‘questão social’” (idem, p.102).

Sendo assim, considerando que o Serviço Social envolve um tipo de exercício profissional subalterno, voltado à execução de programas definidos em instâncias deliberativas maiores e, ainda, que lhe cabe uma manipulação de variáveis sem abalo da lógica da reprodução das relações sociais, o autor chega a uma conclusão polêmica: que cabe ao exercício profissional a reprodução das manifestações da “questão social” e que, no máximo, se alcança uma “racionalização dos recursos e esforços dirigidos” para o enfrentamento da mesma. Sob seu ponto de vista, um “anel de ferro” aprisiona o Serviço Social, já que no rompimento com as suas protoformas, não consegue, entretanto, se legitimar socialmente de um modo substancialmente novo (idem, p.103).

Tal conclusão, afirmativa da tese do ‘sincretismo da prática indiferenciada’, dirige-se não apenas ao Serviço Social, mas às “profissões do social” em geral, visto que, como bem salientado há pouco, qualquer intervenção social na sociedade burguesa apenas pode ratificar a exponenciação da “questão social”. Para além disso, tal tese, quando conhecida pelos profissionais, se torna polêmica, basta ver a conclusão representada pelo “anel de ferro”, sem mencionar o fato de que, segundo Netto, o sincretismo da prática gera a maior parte das crises entre os assistentes sociais³. O incômodo advém da constatação de que “a

² Para esta afirmação, o autor se inspira na obra *Dialética do concreto* de Kosic, de 1969 e menciona os polos da “destruição da razão” (LUKÁCS, 1968) e da “miséria da razão” (COUTINHO, 1972), abrangidos no irracionalismo e na racionalidade formal abstrata que capitulam à dinâmica da realidade.

³ Netto ressalta que os componentes mais permanentes que alimentam as recorrentes “crises de identidade profissional” são: “Do lado da sua clientela imediata, toda a validação profissional tende a ser promovida no interior de uma moldura que derroga a base própria da profissionalização – a moldura das suas protoformas filantrópicas. Do ângulo dos seus financiadores diretos, a sua legitimação torna-se variável da sua funcionalidade em relação aos objetivos particulares que colimam. Do ponto de vista da estrutura institucional, é tanto mais requisitado quanto mais as refrações da ‘questão social’ se tornam objeto de administração, independentemente da sua modalidade de intervenção. Da parte dos outros tecnólogos sociais, aparece situado como o vetor do jogo multiprofissional mais próximo à clientela imediata. E, na

profissionalização permanece um circuito *ideal*, que não se traduz *operacionalmente*” (idem, p.104, grifos do autor).

Como mencionamos antes, o sincretismo da prática diz respeito exatamente a esta inespecificidade ou indiferenciação operatória do Serviço Social, caracterizada pela manipulação de variáveis empíricas da cotidianidade dos usuários dos serviços prestados, cuja expressão mais completa é a polivalência. É crucial tratar sobre a polivalência nesta reflexão não só porque ela se tornou tão habitual no exercício profissional, mas porque é ela que, não raro, causa o desconforto ou o estranhamento dos assistentes sociais com seu fazer. As considerações de Netto demonstram que ela não advém necessariamente de uma escolha profissional, mas de um “padrão prático-empírico de procedimento” que guarda relação com a expectativa social dos encaminhamentos típicos das protoformas, com a mobilização dos recursos materiais e técnicos pertinentes à atuação e, ainda, com as responsabilidades profissionais pouco nítidas postas pelos espaços ocupacionais.

O autor arremata seus apontamentos sobre o sincretismo da prática, confirmando que ele decorre do cenário histórico particular da gênese profissional e também que ele influencia significativamente “o sincretismo de suas representações”, isto é, o sincretismo ideológico e o sincretismo teórico que trataremos a seguir.

O sincretismo ideológico do Serviço Social demonstra a relação tradicional da profissão com o pensamento conservador, o que não se atém ao alcance da doutrina humanista cristã da Igreja Católica, considerando-se a tradição protestante de alguns países como os Estados Unidos. Cumpre salientar as particularidades das culturas europeia e norte-americana⁴ que o calcam.

perspectiva dos teóricos (‘cientistas’) sociais, surge como profissão da prática” (2006a, p.104). Souza (2016, p.121), por sua vez, demonstra uma posição que não chega a se chocar com a de Netto, creditando à divisão de trabalho burguesa a causa original das crises profissionais: “O sincretismo da prática não pode ser identificado como a raiz primordial das pelejas profissionais, ainda que alguns impasses derivem dele, mas como uma consequência da divisão social do trabalho na sociedade burguesa madura”.

⁴ Estas culturas passam a interagir reunidas sob o pensamento conservador a partir dos anos 1930, contudo com características bem distintas daquelas de antes deste período no que se refere às protoformas profissionais.

Netto esclarece que as protoformas do Serviço Social na Europa Ocidental são marcadas por três fenômenos, a saber: herança revolucionária com ápice no intervalo entre 1789-1848; presença de cultura social restauradora ligada às elites burguesas que acarretará o desenvolvimento do neotradicionalismo, do catolicismo social e do anticapitalismo romântico; e, finalmente, o significado propriamente dito da tradição católica. Quanto às protoformas profissionais norte-americanas, Netto pontua que estas foram condicionadas pelo pós-guerra civil numa fase histórica sem marcas revolucionárias, entretanto, com um desenvolvimento capitalista em franco avanço, o que levará à consolidação de um movimento reformista. O autor resume assim as diferenças entre ambas as culturas: enquanto sobrepujava uma apologia indireta do capitalismo nas raízes ideológicas do Serviço Social europeu haja vista o anticapitalismo romântico, no Serviço Social norte-americano, de modo algum a sociedade capitalista era questionada.

As consequências de tais diferenças para o surgimento e amadurecimento do Serviço Social são identificadas, conforme Netto, no projeto de intervenção profissional reformista; na moldura ético-moral desta intervenção, que torna o agente profissional um restaurador da ordem ou um promotor de integração social; e, em último lugar, na consideração da *res publica*: a tradição europeia desqualificando a capacidade das instituições modernas de atendimento coletivo e a tradição norte-americana valorizando as mesmas como “necessidades autênticas do desenvolvimento social” (p.118).

Deste modo, o sincretismo ideológico da profissão trata da influência da imbricação das tradições europeia e norte-americana na emergência e consolidação do Serviço Social em que, segundo o autor, “deu-se por suposto que os referenciais axiológicos, independentemente do arsenal heurístico e dos procedimentos operatórios [grifo do autor], é que garantiam a legitimidade, a orientação e o sentido da intervenção” (idem, p.126/127). Não à toa, para Netto, o resultado foi “a baixa qualificação teórico-técnica ou uma idiosincrasia ideológica dos protagonistas deste momento histórico da afirmação profissional” (idem, p.127).

Sendo o sincretismo menos analisado de acordo com o autor⁵, o sincretismo ideológico se apresenta desde as protoformas, demonstrando força nos períodos históricos do Desenvolvimento de Comunidade – quando os assistentes sociais se compreenderam como agentes das ‘mudanças sociais’ sob a inauguração da “ideologia do promocionalismo”, cujas procedências são encontradas no neotomismo e no desenvolvimentismo – e do Movimento de Reconceitualização latino-americano.

De acordo com Netto, o exame do sincretismo teórico ou “científico”, por sua vez, envolve o estudo: das possibilidades do conhecimento do ser social na sociedade burguesa; das aspirações profissionais de erguer um saber particular; como também o debruço sobre o sistema de saber de segundo grau sincrético, obtido pela profissão⁶ com a acumulação seletiva dos subsídios das ciências sociais. Quanto a este último, o autor afirma o seguinte:

As elaborações formal-abstratas do Serviço Social profissional (a sua chamada teorização), portanto, são medularmente ecléticas – e este traço básico não pode ser creditado a características episódicas ou a condições biográficas dos protagonistas profissionais. Ele decorre da filiação teórica do Serviço Social (o sistema de saber a que se prende) e, simultaneamente, da resposta que articula para orientar-se com um sistema de saber (de segundo grau) que tenha pertinência direta com a sua prática profissional. Assim é que a massa crítica acumulada em mais de meio século de institucionalização profissional, malgrado as inflexões, os giros, as mudanças etc., apresenta-se com uma estrutura reiterativa: o apelo a diferentes ciências sociais, com o recurso a componentes nem sempre compatíveis com a moldura em que são inseridos, para subsidiar práticas e representações que desbordam o limite de cada uma. Desta forma, a psicologia do ego se imbrica com uma teoria do equilíbrio social, a psiquiatria se engrena com uma teoria dos microssistemas sociais, a psicanálise se articula com a dinâmica dos pequenos grupos, a teoria funcionalista da mudança social se sintoniza com os esquemas dualistas em economia etc. (NETTO, 2006a, p.147-148).

⁵ Esta carência de análise guarda raízes no escamoteamento histórico do caráter de classe do exercício profissional pela categoria. É largamente sabido que a trajetória do Serviço Social se conecta com o projeto de classe burguês e este tema é tratado tanto por Netto (2006a) quanto por Yamamoto (1992). O primeiro sinaliza que o disfarce ideológico se dá através do apelo aos ‘valores universais’ presentes no projeto profissional ou com o discurso neotomista e o renovado mito do ‘bem comum’. A segunda, por sua vez, demarca o seguinte: “A demanda profissional tem, pois, um nítido caráter de classe. Este cunho impositivo, que marca grande parte da atuação profissional, não aparece limpidamente no discurso do Serviço Social: tende a expressar-se ao inverso, como reforço à ideologia do desinteresse, do dom de si, do princípio da não-ingerência, do respeito à livre iniciativa do cliente, da neutralidade etc.” (idem, p.94/95).

⁶ Conforme Netto, “(...) na elaboração do saber, o sincretismo é a face visível do *eclétismo* [grifo do autor]; ou, se se quiser, o eclétismo é o sincretismo do Serviço Social no nível do *seu* [grifo do autor] (de segundo grau) sistema de saber” (idem, p.147).

Neste trecho, averiguamos o vínculo íntimo entre sincretismo da prática e sincretismo teórico levantado por Netto ou, em outras palavras, o sincretismo da prática caracterizado pela manipulação polivalente de variáveis distintas alimentando o sincretismo teórico substanciado na saída corriqueira para o empirismo, para o pragmatismo e para o ecletismo na cultura profissional. Embora a produção do conhecimento não espelhe instantaneamente o sincretismo da prática, encerrando uma maior autonomia do pesquisador, Souza (2016, p.122) situa que ela colabora para o enfrentamento do ecletismo mas não para a sua supressão, já que este “mantém-se, como tendência limiar do pluralismo e do sincretismo da prática, a tensionar o sentido e a direção social na produção de conhecimento”⁷. Aliás, como o autor aponta, o próprio modo segmentado de operacionalização das políticas sociais setoriais e a racionalidade formal- abstrata que caracterizam as respostas do Estado burguês às expressões da “questão social” sustentam a estrutura sincrética do Serviço Social.

No que tange às inspirações teóricas à profissão, de modo preponderante, o Serviço Social europeu mostrou-se mais refratário à influência das ciências sociais até se dar uma permeabilidade às ideias de Durkheim. Segundo Netto (2006a), é apenas após o segundo pós-guerra que se identifica rebatimentos mais efetivos das ciências sociais, conforme a interação com a vertente americana e o próprio florescimento destas no continente.

O Serviço Social norte-americano, por sua vez, desde o princípio esteve bem próximo das ciências sociais, destacando-se a emergência da Sociologia. Entretanto, tal aproximação se configurou mais como uma recepção dos produtos destes saberes especializados. O autor esclarece que tal condição fragilizava a profissão duplamente: tanto na atrofia da capacidade crítica para balizar o conteúdo das produções quanto na subordinação à chancela alheia de “cientificidade” das mesmas.

⁷ Souza (2016) ainda acrescenta que a mercantilização da educação superior, as requisições quantitativas das agências de fomento à pesquisa e a ingerência do mercado na pesquisa científica contribuem para a tendência de reposição do ecletismo.

Netto prossegue seu raciocínio mencionando três outras consequências pouco examinadas relativas à posição receptora do Serviço Social no que tange às teorias: a primeira seria a compreensão equivocada de que a legitimação profissional viria da “valoração científico-acadêmica” experimentada pela ciência social “do momento”; a segunda seria a tendência de desaparecimento da verificação da validade dos subsídios desta ciência social, o que justifica, segundo o autor, o pouco debruço à pesquisa e à investigação; e, por último, a terceira seria a confirmação do praticismo na atuação profissional.

Até os anos 1960, as elaborações do Serviço Social se restringiam à composição do “saber de segundo grau” e à sistematização da prática profissional. Foi durante o processo de renovação que as ligações do Serviço Social ao positivismo e ao ecletismo passaram a ser bastante criticadas. Entretanto, diferentemente de certas posições que emergiram naquele período, para Netto, se é possível superarmos nossa influência no pensamento conservador, não são possíveis uma teoria e uma metodologia próprias do Serviço Social, tampouco um tipo de atuação livre de “manipulação de variáveis empíricas de um contexto determinado”. Esta compreensão é de suma importância para a categoria dos assistentes sociais porque responde a um longo percurso de preocupação com a “natureza profissional” do Serviço Social:

A alternativa de um Serviço Social liberado da tradição positivista e do pensamento conservador não lhe retirará o seu estatuto fundamental: o de uma atividade que responde, no quadro da divisão social (e técnica) do trabalho da sociedade burguesa consolidada e madura, a demandas sociais prático-empíricas. Ou seja: em qualquer hipótese, o Serviço Social não se instaurará como núcleo produtor teórico específico – permanecerá profissão, e seu objeto será um complexo heteróclito de situações que demandam intervenções sobre variáveis empíricas (idem, p.149).

Isto posto, vale recuperar o apontamento de Souza (2016) de que o debate sobre o sincretismo ganhou força a partir da construção dos fundamentos históricos, teóricos e metodológicos do Serviço Social brasileiro entre os anos 1980 e 1990, no compasso dos avanços renovados que a

Intenção de Ruptura oportunizou⁸. Conforme o autor, foi o estudo aprofundado das categorias da teoria social de Marx que possibilitou situar a profissão nas relações sociais capitalistas, assim como compreender o feixe contraditório das políticas sociais no enquadramento da formação sócio-histórica brasileira.

Preocupado com a apologia ao “saber prático” entre os assistentes sociais atualmente, apesar do percurso do Serviço Social no sentido de adensar a orientação crítico-dialética na formação profissional, Maranhão (2016) acrescenta que são três os fatores que atrapalham a profissão no rompimento com o conservadorismo e na superação de práticas pautadas pelo pragmatismo empírico, pelo subjetivismo idealista ou pelo irracionalismo eclético: o seu cunho sincrético, a aproximação problemática com a tradição marxista tendo em vista a insuficiente incorporação dos fundamentos da teoria social marxiana e, finalmente, o acirramento da ofensiva do capital neste momento da luta de classe, que dificulta a produção de um conhecimento que extrapole a facticidade.

Se o sincretismo da prática indiferenciada do Serviço Social não pode ser suplantado por conta de sua conexão ontológica com o alicerce erguido pelo Capitalismo Monopolista para o enfrentamento da “questão social”⁹, o alinhamento entre sincretismo e conservadorismo pode sim ser ultrapassado nos campos ideológico e teórico sem desconsiderar o panorama histórico gravemente adverso que entrava esta resistência profissional. Conforme o autor, o rompimento com o conservadorismo exige do Serviço Social uma tarefa importante que diz respeito a assistentes sociais atuantes em todos os espaços ocupacionais: apreender a fecundidade do método dialético e aprofundar a dimensão investigativa profissional.

Cumprido recordar que, em fins dos anos 1970, a força do movimento operário brasileiro, conhecido como novo sindicalismo, foi responsável pela construção de uma contra-hegemonia que resistiu ao Estado autocrático burguês. Tal protagonismo alimentou o percurso da Intenção de Ruptura, calcado no estudo progressivo de fontes marxistas pelos assistentes sociais

⁸ Conforme o autor, do ponto de vista da trajetória do Serviço Social brasileiro, foi o processo de desenvolvimento da vertente “Intenção de Ruptura” que abriu terreno para ultrapassagem do ecletismo.

⁹ Ver Souza (2016).

militantes em movimentos sociais e partícipes dos programas de pós-graduação da época (ACOSTA, 2005). Faz-se mister, contudo, reconhecer que as conquistas do projeto ético-político-profissional que sustentam a defesa do aprimoramento intelectual permanente, necessário ao desvelamento do sincretismo, estão hoje ameaçadas uma vez que no capitalismo contemporâneo se recrudescer a face bárbara do capital no mesmo passo que a organização política dos trabalhadores se reflui dramaticamente, numa defensiva que há muito não experimentava.

No que tange, particularmente, à continuidade do sincretismo nos rumos do projeto profissional ameaçado, faz-se mister o resgate das ideias de alguns autores que tratam do tema. Silva e Silva (2007), por exemplo, em seu estudo sobre as referências teóricas e as defesas metodológicas mais utilizadas na literatura profissional entre os anos 1980 (com destaque para a segunda metade) e início dos anos 1990 demonstra que a parca tradição intelectual do Serviço Social, combinada com a inspiração em materiais marxistas vulgares (excetuando o recurso a Gramsci, a Lukács e a outros autores clássicos, sem falar no próprio Marx¹⁰), levou-nos a uma apropriação limitada das categorias da teoria social marxiana; a uma categorização problemática do “popular” e da “transformação social”; ao uso falho do método dialético, além da ausência de consideração das mediações que também comprometeram o discernimento sobre a relação entre teoria e prática e mesmo sobre o significado social da profissão.

Costa (2009), por sua vez, salienta que cabe a nós um papel preciso - geneticamente ligado às formas de resposta à “questão social” forjadas pelo Capitalismo Monopolista e atravessado pelo sincretismo da prática – mas ainda pouco vislumbrado pela categoria profissional, que é a integralidade das ações de uma dada política setorial¹¹. Conforme a autora, o assistente social é, assim, o principal “agente-trabalhador” do processo de saúde pública (a

¹⁰ É fundamental frisar aqui que a inspiração nestes pensadores não resultou necessariamente numa apreensão adequada e enriquecida de suas ideias pelos assistentes sociais tampouco que as interpretações destes célebres intelectuais eram detentoras de uma “verdade” absoluta ou portadoras de um “bem”.

¹¹ Costa (idem, p.348) esclarece esta função profissional, ao informar que: “(...) a participação dos assistentes sociais nos processos de trabalho nas instituições de saúde tem a singularidade de ‘repor’ (ante a impossibilidade de recompor), com a sua ação, as lacunas de parcialização, fragmentação, superespecialização e terceirização do trabalho”.

exemplo da área onde efetuou sua investigação), considerando-se que a existência de seu trabalho demonstra cabalmente como a população usuária não usufrui de acesso aos serviços em igualdade.

Além disso, o trabalho do assistente social desnuda as determinações sociais da doença e a tensão calamitosa entre condições de atendimento do serviço público e efetivas necessidades de saúde dos sujeitos. Aguarda-se a intervenção do assistente social em tudo que transtorne a qualidade do atendimento aos usuários e, só por isto, seu papel já se confirma subalterno (porque impreciso, embora indispensável) e polivalente dentro da instituição. Costa explicita também que tal realidade de ofício causa constrangimentos quando o assistente social investe no seu aprimoramento intelectual. Ele enfrenta inúmeras dificuldades de se municiar de seus conhecimentos no cotidiano profissional, dada a multiplicidade e a gravidade de contextos humano-sociais a que fica submetido, sem falar na sua própria condição de trabalhador assalariado.

Como Souza (2016) elucida, malgrado os avanços substanciais do projeto ético-político que oportunizaram o enfrentamento do ecletismo, as contradições do exercício profissional – e aqui tratamos do sincretismo – não são passíveis de liquidação, visto que é a manutenção da sociabilidade burguesa e de sua peculiar divisão social e técnica do trabalho que animam tal escopo de atuação. Como a produção do conhecimento envolve mais autonomia em relação ao sincretismo da prática indiferenciada, pressionado pelas demandas imediatas do mercado de trabalho, segundo o autor, pode ser através dela que distingamos com mais acuidade o funcionamento das relações sociais capitalistas, assim como as armadilhas do ecletismo daí derivadas. Esta tarefa – de superação dos sincretismos teórico e ideológico sem resolução para o sincretismo da prática – exige disposição e rigor, já que:

(...) a institucionalidade burguesa reforça, de maneira fetichizada, os conhecimentos diretamente vinculados ao 'fazer da prática'. Por essa via, a prática sincrética tende a supervalorizar, como conhecimentos de fato 'úteis' para a prática, tão somente aqueles acumulados com a reiteração dos padrões institucionais ou legais estabelecidos. Em equivalência, nota-se certo menosprezo pela elaboração teórica dialética (idem, p.136).

Ou seja, novamente sob a ótica de Maranhão, o empenho teórico-metodológico para desvelamento ontológico da realidade, a partir do enfrentamento do conservadorismo, não pode ser banal se a intenção é descortinar possibilidades interventivas que considerem, de antemão, a composição sincrética do Serviço Social, indo além do burocracismo institucional.

Através de sua corajosa pesquisa junto aos assistentes sociais atuantes na política de assistência social do estado de São Paulo e a cinco pesquisadores renomados da área, Silva (2013) confirma o quanto os laços entre ecletismo e conservadorismo são densos e o quanto esta vinculação serve à razão instrumental, além de se demonstrar no Serviço Social em várias dimensões. O autor informa como na relação com a teoria – que, ao não responder imediatamente aos profissionais, é considerada ‘fora da realidade’ – já se percebe na profissão esta vinculação, que desnuda o sincretismo e desafia a formação profissional, hoje bastante precarizada, nos seus intentos de educação integral por meio do ensino, da pesquisa e da extensão. O autor alerta para a deturpação do sentido generalista desta formação, pois o perfil de profissional esperado não é o “faz tudo” ou o “teórico desnecessário”; é, sim, aquele habilitado a identificar no real determinações que informam limites e possibilidades objetivas para o exercício profissional.

Ademais, Silva comprova como o sincretismo se faz presente não apenas nos discursos dos profissionais. Ele se apresenta através de “confusões conceituais e teóricas” – e, segundo ele, confusões estas “estimuladas pelo sincretismo que compõe sua inserção no mercado de trabalho” (p.178) – mas igualmente na própria Política Nacional de Assistência Social (PNAS), que revela mesclagem entre inspiração sistêmica e terminologias que parecem denotar uma influência marxista, como “dialeticamente condicionadas”, “mundo do trabalho” e “totalidade”; contudo, de fato não o faz.

A respeito, particularmente, do discurso dos assistentes sociais, que chegam a diminuir o significado da profissão à assistência social, Silva (idem, p.183) traz uma reflexão completamente necessária:

Além do manejo indiscriminado de tendências genericamente caracterizadas como ‘sistêmicas’, inclusive sem o cuidado merecido

por essa tradição (vulgarizada em diversos cursinhos preparatórios de ‘terapia familiar’ para atuar com núcleos familiares e seus indivíduos), o que impera é um discurso genérico a favor da cidadania e da ‘inclusão socioeducativa (?)’ dos usuários (tudo isso ‘abençoado’ – discursivamente – pelo Projeto Ético-Político Profissional do Serviço Social!), proposta essa que se mostra absolutamente incapaz de viabilizar os próprios pressupostos sistêmicos idealmente comprometidos com a comunicação-interação entre as partes e a sólida articulação entre elas visando um ‘equilíbrio dinâmico’. As confusões se completam à medida que os profissionais acreditam que estão viabilizando direitos sociais e emancipando socialmente os usuários (sem terem muito claro do que se trata isso) e que a ‘questão social’ – causada por um ‘desarranjo sistêmico’ – pode ser, enfim, equacionada por meio de uma eficiente rede de atendimento.

Uma das preocupações do autor em sua obra é com a repetição inadequada da ideia de emancipação humana pelos assistentes sociais quando o assunto é o produto do exercício profissional. Com suas próprias palavras, o Serviço Social é uma profissão “centrada no gerenciamento de programas e de projetos sociais vinculados à administração da pobreza” (p.16). Por isso, Silva adverte para as armadilhas clássicas do idealismo e do messianismo entre nós¹² e ressalta o significado dos governos Lula no aguçamento de tensões dentro da categoria profissional, o que estimulou a crença de alguns de que era possível humanizar o capital.

III. CONCLUSÃO

Finalmente, a determinação ontológica do sincretismo da prática, relacionada com o sincretismo operado na realidade macroscópica pela reificação burguesa, não é de simples decifração para os assistentes sociais. Sua parca herança intelectual, mesmo após o início da interlocução com a tradição marxista (lembremos que o primeiro contato foi com o marxismo vulgar), não se resolveu plenamente. Isto não significa desvalorizar o

¹² O autor traz uma indagação crucial em referência ao projeto ético-político que confere direção social à profissão: “quais as condições objetivas para manter a proposta construída pelo Serviço Social brasileiro nas três últimas décadas, radicalizando-a sem ceder às armadilhas messiânicas ou a qualquer forma de abstração? Estaria essa “direção estratégica” condenada a esvaziar-se sob o discurso genérico da cidadania e da emancipação política burguesa?” (idem, p.116).

respeitável patrimônio erguido pelo projeto ético-político, bem consubstanciado na apreensão enriquecida do significado social da profissão e da realidade social assim como no afincamento pelo rigor teórico que traz (SILVA e SILVA, 2007). Mas, significa reconhecer os seus limites e obstáculos postos por um passado profissional não ultrapassado por completo ¹³ e, ainda, reforçados por elementos da contemporaneidade da dinâmica capitalista¹⁴, particularmente na conjuntura brasileira sob o governo ilegítimo de Temer – que está aprofundando a contrarreforma do Estado brasileiro e satisfazendo praticamente todos os interesses do capital financeiro.

Apesar de Ramos e Santos (2016) alertarem para se evitar a capitulação fácil às pressões para simplificação dos fundamentos teórico-metodológicos e ético-políticos conquistados pela profissão¹⁵, bem como evitar versões atualizadas do Serviço Social tradicional – como a moralização da “questão social” e o metodologismo ou o tecnicismo –, fato é que o neoconservadorismo bateu forte às portas do Serviço Social brasileiro. Isso trouxe uma conjuntura totalmente contrária àquela que permitiu a ascensão do projeto ético-político profissional. Sendo assim, concordamos com Netto (2016) de que urge um exame objetivo dos raios de penetração deste projeto na categoria, à luz dos novos tempos, sob pena do afloramento de uma inflexão na vigente direção estratégica.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, L. **O processo de renovação do Serviço Social no Uruguai**. Rio de Janeiro, 2005. Tese (doutorado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

¹³ Como a continuidade das dificuldades de articulação entre teoria e realidade (com implicações de ordem metodológica), do voluntarismo/messianismo profissional, do ecletismo, do dogmatismo, do pragmatismo, da confusão entre Serviço Social e política de assistência social etc. atestam.

¹⁴ Como o trinômio flexibilização-desregulamentação-privatização decorrente desta fase de restauração do capital (NETTO, 2010) e seus inúmeros e complexos rebatimentos de cunho neoconservador asseveram: cultura pós-moderna¹⁴ e suas políticas de empreendedorismo e empoderamento; refilantropização do social combinada com criminalização da classe trabalhadora; piora generalizada das condições de trabalho que abarca os assistentes sociais; aprofundamento da relação insuficiente entre unidades de formação e campos de intervenção; rebaixamento do perfil socioeconômico e empobrecimento da bagagem cultural dos estudantes; sucateamento da universidade pública combinado com a proliferação do ensino à distância; aumento do distanciamento entre as vanguardas e a maioria da categoria profissional, sem falar na consolidação política desta direção estratégica que transcorreu bastante alinhada com o desenvolvimento do PT nestes dias em ruínas.

¹⁵ Como demonstram certas visões economicistas, politicistas e eticistas.

Disponível em: <<https://sites.google.com/site/secretariappgss/banco-de-teses-edissertacoes-do-ppgss>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

COSTA, M.D. H da. O trabalho nos serviços de saúde e a inserção dos(as) assistentes sociais. In: Mota, A.E. et al (org.) **Serviço Social e saúde**. São Paulo: Cortez, Brasília/DF: OPAS, OMS, Ministério da Saúde, 2009.

COUTINHO, C.N. **O estruturalismo e a miséria da razão**. 2ªed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

IAMAMOTO, M.V. **Renovação e conservadorismo no Serviço Social: ensaios críticos**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LUKÁCS, G. **El assalto a la razón**. Barcelona-México: Grijalbo, 1968.

MARANHÃO, C. Uma peleja teórica e histórica: Serviço Social, sincretismo e conservadorismo. In: MOTA, A.E. e AMARAL, A. (Org.). **Cenários, contradições e pelejas do serviço social brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2016.

NETTO, J.P. **Capitalismo monopolista e serviço social**. 5ed. São Paulo, Cortez, 2006a.

_____. **Capitalismo e reificação**. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1981.

_____. **Ditadura e serviço social: uma análise do serviço social no Brasil pós-64**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. Para a crítica da vida cotidiana. In: _____ e CARVALHO, M.C.B de. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. Para uma história nova do serviço social no Brasil. In: SILVA, M.L.O. (org). **Serviço social no Brasil: história de resistências e de ruptura com o conservadorismo**. São Paulo: Cortez, 2016.

_____. Uma face contemporânea da barbárie. In: ENCONTRO INTERNACIONAL "CIVILIZAÇÃO OU BARBÁRIE, 3, 2010. **Anais....**, Serpa, Portugal, 2010.

RAMOS, S.R.; SANTOS, S.M.M. Projeto profissional e organização política do serviço social brasileiro: lições históricas e lutas contemporâneas. In: SILVA,

M.L.O. (Org). **Serviço social no Brasil**: história de resistências e de ruptura com o conservadorismo. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA e SILVA, M. O (Coord.). **O serviço social e o popular**: resgate teórico-metodológico do projeto profissional de ruptura. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, J.F.S. **Serviço social**: resistência e emancipação? São Paulo: Cortez, 2013.

SOUZA, J.M.A. O sincretismo no Serviço Social: uma abordagem ontológica. In: MOTA, A.E.; AMARAL, A. (Org.). **Cenários, contradições e pelejas do serviço social brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2016.